

Abertura da Jornada de Reflexão sobre *Ecocrítica*: 25 de Novembro 2008

Maria João Reynaud

Universidade do Porto

reynaud@letras.up.pt

Na abertura desta Jornada de Reflexão sobre *Ecocrítica*, que o Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras do Porto organiza, com o apoio da Reitoria da Universidade do Porto e a colaboração da APEF, queria saudar todos os presentes e congratular-me por terem correspondido de modo tão surpreendentemente positivo ao convite para participarem na nossa iniciativa.

Começo por dar as boas-vindas aos participantes estrangeiros, cuja presença muito nos honra, e desejar-lhes uma óptima estadia no Porto. Agradeço aos colegas de outras universidades o contributo que quiseram trazer a esta reflexão colectiva, enriquecendo-a; e, também, aos colegas que são professores do Ensino Básico e Secundário e têm a seu cargo a difícil tarefa de preparar nas áreas da língua e da literatura todos aqueles alunos (afinal a maior parte) que irão fazer a sua formação universitária noutros campos do saber que não o das humanidades.

Saúdo, igualmente, os alunos que trazem o seu contributo para um debate que lhes diz sobretudo respeito, porque tem fundamentalmente a ver com a qualidade do seu futuro, que a todo o custo tem de ser salva. Por último, agradeço a presença de todos os que se dispuseram a seguir estes trabalhos, centrados na relação entre literatura e ecologia.

O aparecimento do pensamento ecológico pós-moderno data do início da década de 70, quando se começa a pôr em causa a tese da infinidade de recursos e é proclamado, na conferência de Estocolmo de 1972, o direito à qualidade de vida e à conservação dos recursos da terra para as futuras gerações.

A consciência da necessidade de criar um novo paradigma no campo da economia não conseguiu evitar, até ao momento presente, que esta deixasse de se basear no individualismo

feroz e na ânsia de um lucro desmesurado e abusivo. A preocupação ecológica actual nasce da necessidade de mitigar o esgotamento dos recursos naturais, como condição de sobrevivência a médio prazo, o que exige não apenas um esforço de solidariedade, traduzido em acções concretas, mas um novo modo de relação do ser humano com a natureza que poderá significar o regresso do filho pródigo à *tellus mater*.

Não conheço escritor que tenha amado mais a natureza do que Raul Brandão, nascido na Foz do Douro, em 1867. Nenhuma outra obra me parece tão convidativa para uma abordagem ecocrítica quanto a dele, se pensarmos em livros como *Os Pescadores* (1923), *As Ilhas Desconhecidas* (1926) e *Portugal Pequenino* (1930).

Neste luminoso tríptico, em que o Autor traça o percurso das suas viagens, ficam patentes a sua capacidade de observação e a sua vocação de etnólogo, numa escrita onde o detalhe descritivo alterna com o «mais sábio e puro Impressionismo» – como escreve Manuel Mendes –, revelando-se, simultaneamente, um verdadeiro precursor do pensamento ecológico actual.

Deixo aqui um breve apontamento sobre *Portugal Pequenino*, livro destinado a crianças em idade escolar, onde a par do rigor descritivo e etnográfico, ganha vulto a crença na existência de uma *alma cósmica*, de que minerais, plantas, animais e homens, na sua relativa individualidade, não são mais do que puras emanções. A diversidade do que existe é, em última instância, redutível a um princípio espiritual *único*, que preside a toda a criação.

Postular a existência dessa Alma Universal, tão exaltada pela filosofia romântica da Natureza (mormente por Novalis), significa aceitar que a morte não é mais do que uma transformação no interior de uma cadeia ininterrupta de seres. Neste livro, de que é co-autora Maria Angelina Brandão, a descrição poderosa das paisagens raramente aparece dissociada da humanidade que as habita. A realidade é surpreendida na riquíssima variedade dos contrastes e registada através de abundantes detalhes geográficos e pormenores relativos à vida comunitária regional.

O panteísmo místico de Raul Brandão e o seu franciscanismo convicto lançam os pequenos heróis de *Portugal Pequenino* no teatro deslumbrante de um cosmos onde a convivência com os bichos, cuja linguagem passam a entender, lhes impõe novas regras de cooperação, indispensáveis à sua sobrevivência. Mas, surpreendentemente, estas baseiam-se no respeito pelo

bem comum, ao contrário do que acontece no mundo dos homens, cujos comportamentos incompreensíveis são comentados pelos bichos com jocosa condescendência.

Mais perto da morte, o Autor de *Portugal Pequeno* está também mais perto da infância, isto é, «da Paisagem em que fomos criados e que faz parte da nossa substância». Nela se destaca a imagem da mãe: «foi dela que herdei a sensibilidade e o amor pelas árvores, pela água – e dela herdei também o sonho [...]; o meu sonho está preso por um fio ténue e indestrutível ao fundo do seu sepulcro»¹.

É com este eterno fio de infância que Raul Brandão constrói a teia luminosa de uma ficção que é também nossa.

¹ BRANDÃO, Raul - *Vale de Josafat*, Vol. III de *Memórias*, Lisboa, Seara Nova, 1933, p. 147.